

# OPINIÃO



## EDITORIAL

# Bye bye Papão

Enquanto o diabo empurra com o seu tridente o evangélico prefeito João Henrique para a garupa de um cavalo na Mudança do Garcia, os anjos da guarda de Dona Flor e seus dois maridos vigiam os seus protegidos. São eles que seguram o Papão e voam para o Circuito Barra-Ondina, a tempo do ogro presenciar um encontro digno de documentário de cinema promovido pelo ministro-compositor Gilberto Gil, quando a folia baiana praticamente não surpreende mais ninguém, salvo pela inversão dos papéis dos participantes nos invencíveis cordões da chaleira dando vivas aos seus maiores. Quem antes vaiava, agora puxa.

Na Barra, o folião malandro não acredita no que está diante de seus olhos. Aperta as vistas embaralhadas pelo porre de

lança-perfume de fundo de quintal e confere. Não há dúvida: lá estão Gilberto Gil – sem a fantasia do Gandhi – e o bispo anglicano da África do Sul, Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz, ex-apóstolo contra o apartaid agora em cruzada contra a expansão da Aids no continente africano, com seu bonezinho azul e sem a famosa batina.

Maldito quem pensar mal disso. Os dois estão parados perto do Camarote 2222, de frente para o Cristo da Barra onde foi instalada a Pousada da Flora – um dos ancoradouros cinco estrelas das celebridades no Carnaval do Axé. Diante dos dois, o infalível microfone da Band na mão da repórter baiana que mistura inglês e português. O bispo africano exalta a festa de rua em Salvador, condena a violência, ataca a homofobia e pede esforço redobrado no combate à Aids. No fim,

como naquelas animadas passeatas de Sowetto nos anos 80, ensaia uns passos quando o ministro-artista canta sem trio um trecho da Oração pela Libertação da África do Sul, composta em 1985 “Se o rei Zulu já não pode andar nu, salve a batina do bispo Tutu”.

O velho encenqueiro do Carnaval não se contém e pede um viva também para o frei Luiz Cappio, bispo de Barra, que passou a folia engomando a batina para ir a Brasília. Decidido a passar fome de novo em Cabrobó, o bispo vai bater antes na porta do Palácio do Planalto. Quer saber do presidente se é verdade que o governo se prepara para começar as obras de transposição antes de concluída a prometida revitalização do Velho Chico. Como na antiga chanchada nacional, tudo indica que “Vai dar Bolo”. Evoé Cacá Diegues, até ano que vem Papão.

## CARTAS

**Vanessa**, filha, tô com muitas saudades. Tem só três dias que não te vejo, mas queria que você estivesse aqui e não com seu namorado na ilha.

*Velúcia Alves dos Santos, 43 anos – Campo Grande*

**Prefeito João Henrique**, você tem que ser mais ativo, mais presente. Seus antecessores tiveram mais divulgação por ter pulso. Assuma o que está fazendo se quiser continuar sendo o prefeito. Não adianta usar as lágrimas como resposta.

*Marco Uzêda, 49 anos – Direto da arquibancada popular do circuito Campo Grande*

**Dani e Nelsinho**, saiam da maresia e venham curtir a Bahia e o Carnaval de Salvador. Parem de ver televisão e vídeo. O Carnaval é a solução.

*Neemias Santana, 36 anos – Campo Grande*

**Um beijo** para a minha família, para todo o mundo do San Martin e para o padre Sérgio.

*Priscila Santos, 14 anos – Campo Grande*

**Loio (Antônio Carlos)** um beijo pra você, marido. Estou aqui curtindo a festa com os amigos e muito feliz, mas triste porque você preferiu ficar em casa dormindo.

*Aline Cruz, 17 anos – Direto do Campo Grande*

**Quero mandar** um beijo pra minha família, pra todo mundo do Dique do Meio e principalmente para o meu pai que está muito estressado. Obrigada pelos quatro reais que você me deu pra curtir a folia!

*Thiago Brito, 15 – Direto do Campo Grande*

**Ao prefeito**, na nossa opinião o Carnaval não está bom. Falta a decoração que era o mais lindo da festa e o Carnaval dos bairros está se acabando. Em muitos já se acabou.

*As baianas: Elizete Rocha, 45 anos, Vilma Maria Araújo, 51 anos e Leonor Campos, 68 anos – Direto do Campo Grande*

**Parabéns ao Camaleão** cada vez melhor. Já sinto saudades

*Loane Ribeiro, 45 anos, turista do Rio de Janeiro – Direto do Circuito do Campo Grande*

**As edições do Carnaval do Papão** merecem elogios. Deveria ser assim o ano todo. Foi possível perceber que existe bons jornalistas nesse veículo. Antônio Estarteri, direto de casa.

*João Victor, 22 anos, turista de Vitória, Espírito Santo – Direto do Circuito do Campo Grande*

**Queremos avisar** ao povo de Belém que a galera do Papão veio marcar presença no Carnaval da Bahia!

*Ronaldo Machado, Loiani Miranda e Cristilene Henriques – Barra*

**Galera de São Paulo** venham para a Bahia. Estamos aqui pela primeira vez, acabamos de chegar e já estamos adorando!

*Wallace Rodrigues e Jeniffer Hoche – Barra*

## simanca



“Fico feliz não pelo prêmio, mas por defender a cultura do povo sofrido do mangue”

“Quero também agradecer ao meu namorado”

Antônio Matos, o grande vencedor do Concurso de Fantasia Gay, promovido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), na Praça Municipal I

## ARTIGO

YEDA PESSOA DE CASTRO

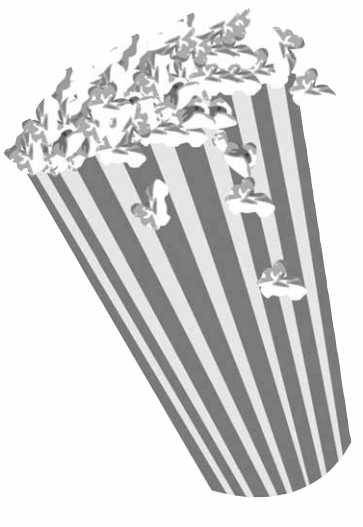
# O samba é uma forma de oração

Este foi o Carnaval de se falar sem preconceito da parcela de contribuição dos falares africanos na construção da língua portuguesa do Brasil, dando visibilidade e voz ao negro para cá trazido em cativeiro sob regime colonial e escravista por mais de três séculos consecutivos. No Rio de Janeiro, a Mangueira levou para a Sapucaí a língua portuguesa, de suas origens no latim e expansão pelo mundo até a sua chegada ao Brasil onde se misturou aos falares indígenas e africanos para tomar uma feição brasileira, mestiça que a diferença do português de Portugal. Na Bahia, o afoxé Filhos do Congo relembra o povo oriundo de

um poderoso reino africano e o tema do desfile foi o livro *Falares Africanos na Bahia*, aludindo às línguas africanas que contribuíram com palavras do dia-a-dia para o enriquecimento da língua portuguesa como um todo. São marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade e que comprovam a atuação participativa do negro-africano na construção do português brasileiro, algumas delas, calundo, quilombo, cachimbo, já registradas no século XVII na poesia de Gregório de Mattos. Entre as centenas de exemplos que transitam livremente em todas as camadas da sociedade brasileira

estão mocotó, moqueca, quiabo, muvuca, caçula, cochilar, xingar, bunda, corcunda, quitanda, dendê, maxixe, cachaça, tanga, canga, sunga e samba. E foi o SAMBA o homenageado do Carnaval baiano. Gênero musical autenticamente brasileiro, recriado a partir de suas matrizes negro-africanas: o samba, uma forma de oração que foi cadenciada pelo ritmo do samba, popular no Congo e em Angola. Quando Noel Rosa compõe um samba em *Feitio de Oração* e Vinícius de Moraes, em *Samba da Bênção*, afirma que “o bom samba é uma forma de oração”, reiteram algo absolutamente correto do ponto de vista do significado

original da palavra SAMBA, do banto “kusamba”, rezar, orar. Essa escolha lexical sugere um discurso de resistência onde o samba funciona como um espaço favorável à dramatização da vida, também lembrado nesse sentido na expressão popular: “Sambou, tem que rezar”. Em resposta às nossas preces, o SAMBA (palavra, dança, estado de espírito) vem demonstrar, de forma emblemática, a força da influência que as línguas africanas exerceram sobre o português do Brasil e a identidade brasileira. Yeda Pessoa de Castro, é etnolinguísta, assessora técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo. É também a autora do conhecido livro *Falares Africanos na Bahia*.



**Ivete**, você é linda e eu gosto muito de você

*Adria Oliveira, 4 anos (recado traduzido pelos pais Andréa e Ximenes) – Direto da Barra*

**Rocha, Maninha e Dinha**, Obrigada por ter nos recebido bem aqui em Salvador. Que bom que vocês existem. Beijós

*Ana, 29 anos, e Angélica, 30 anos, turistas de Fortaleza – Direto da Barra*